

O AMOR COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL NA ÉTICA DE SANTO AGOSTINHO*

LOVE AS FUNDAMENTAL ELEMENT IN SAINT AUGUSTINE'S ETHICS

Frederico Soares de Almeida**

RESUMO

O objetivo desse artigo é mostrar que a ideia de amor cristã é um elemento fundamental na ética agostiniana. Dentro de sua proposta ética o amor é compreendido como aquilo que impulsionará toda a ordem moral. O amor tem como finalidade a caridade. Esse amor será orientado pela vontade, que leva à liberdade, tendo como fim a ordem da caridade. O amor será visto como aquilo que se pode chamar de motor íntimo da vontade humana. Se o ser humano, diferentemente dos animais, pode ser caracterizado como um ser de vontade, afirma-se que ele é movido por amor. Deus será visto como a fonte do verdadeiro amor.

PALAVRAS-CHAVE: Amor, caridade, Deus, liberdade, vontade.

* Artigo enviado em 17/03/2014 e aprovado para publicação em 21/05/2014.

** Graduado em Teologia pela FATE-BH (Izabela Hendrix), graduado e mestrando em Filosofia pela FAJE-Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e bolsista pela FAPEMIG.

ABSTRACT

This paper shows that the Christian idea of love is a fundamental element at Augustinian ethic. In his ethic proposal, love is understood as what will drive the moral order. Love aims at charity. Love will be guided by desire, which leads to freedom, having as a purpose the charity. Love can be seen as a mover of the human desire. If the human being, unlike animals, can be characterized as a being of desire, it is claimed that one is moved by love. God is seen as the source of the true love.

KEYWORDS: Love, charity, God, freedom, desire.

1. INTRODUÇÃO

Santo Agostinho é conhecido como um dos maiores pensadores que existiram na história do Ocidente. Seu pensamento ético tem como núcleo a compreensão cristã de amor, mais especificamente *caritas*¹. A proposta deste artigo é mostrar que a noção de amor cristã é fundamental na ética agostiniana.

Segundo Leomar Antônio Montagna “para formular uma moral baseada no amor, Santo Agostinho empreende um estudo, seguindo o que lhe foi transmitido pela tradição: pagã, cristã, grega e latina”². É o amor que impulsionará toda a ordem moral. E esse amor tem como finalidade a caridade. Aquilo que traz a orientação para esse amor é a vontade, que leva à liberdade, tendo como fim a ordem da caridade.

Philotheus Boehner e Étienne Gilson afirmam, que a questão fundamental da ética de Santo Agostinho é “o da reta escolha das coisas a serem amadas”³. Diante desta questão o problema moral que é levantado não se preocupa com a pergunta sobre se há que amar, mas sim com o que há de amar. O amor está na própria existência humana. Segundo Santo Agostinho é um apetite natural pressuposto pela vontade livre. Esta — a vontade livre — deixa-se direcionar pela razão e leva o ser humano para Deus. Sendo assim, o amor será visto como uma atividade do próprio ser humano.

¹ *Charitas*, palavra que vem do latim que e que significa caridade. A caridade é o amor cristão que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem.

² MONTAGNA, Leomar Antônio. *A ética como elemento de harmonia social em Santo Agostinho*. Curitiba, 2006. Dissertação de mestrado.

³ BOEHNER, Philotheus e GILSON, Étienne. *História da filosofia cristã*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

2. A primazia do amor

Como acabamos de apresentar, a noção de amor será a base ou o núcleo de toda a ética agostiniana. O amor é visto como aquilo que se pode chamar de motor íntimo da vontade humana, e se o homem, diferentemente dos animais, pode ser caracterizado como um ser de vontade afirma-se que o ser humano é movido por amor⁴. O amor é uma atividade própria do ser humano, sendo o mesmo uma tendência natural para um certo bem. Percebe-se que é no fundo do coração humano que se encontra a raiz do amor e é dela que irá proceder o bem, o que resulta na máxima agostiniana: " Ama e faze o que quiseres"⁵.

Diante disso, não se pode pretender separar o homem de seu amor, ou impedi-lo de usar o mesmo. Da mesma forma, não é possível isolá-lo de si nem impedi-lo de ser ele mesmo. Se existe algum problema, este não se refere ao amor como tal, e nem mesmo à necessidade de amar, mas sim a escolha do objeto que vai ser amado, ao valor que se dá ao objeto amado, pois em si o objeto é um bem⁶.

O problema moral que se coloca aqui é saber o que é necessário amar⁷ e não saber se é necessário amar. Portanto, esse problema, que está relacionado com a liberdade, tem a ver com a reta escolha das coisas amadas e com a medida que as coisas são amadas. Em outras palavras, o problema diz respeito à reta ordem do amor:

Vive justa e santamente quem é perfeito avaliador das coisas. E quem as estima exatamente mantém amor ordenado. Dessa maneira, não ama o que não é digno de amor, nem deixa de amar o que merece ser amado. Nem dá primazia no amor àquilo que deve ser menos amado, nem com igual intensidade o que se deve amar menos ou mais o que convém amar de forma idêntica⁸.

Se o amor pode ser visto como a vontade, a virtude suprema é também o amor supremo⁹. Quanto às virtudes que se subordinam a isso, elas facilmente se reduzem. Santo Agostinho diz:

La tempérance est l'amour qui se conserve integre et incorruptible pour Dieu; la force est l'amour supportant facilement tout pour Dieu; la justice est l'amour qui ne sert

⁴ GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2006.

⁵ AGOSTINHO, Santo. *Comentário da Primeira Epístola de São João*. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1989. Livro VII, 8.

⁶ MONTAGNA, 2006, p. 40.

⁷ GILSON, 2006, p. 258.

⁸ AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã*. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002. Livro I, Cap.27, 28.

⁹ GILSON, 2006, p. 260.

que Dieu, et à cause de cela commande bien aux choses soumises à l'homme; la prudence est l'amour qui discerne bien ce qui l'aide à aller à Dieu de ce qui l'en empêche¹⁰.

Na hierarquia das coisas a serem amadas o amor, será o parâmetro e ocupará o primeiro lugar. "O amor, que faz com a gente ame bem o que deve amar, deve ser amado também com ordem; assim, existirá em nós a virtude que traz consigo o bem viver"¹¹. Deus então ocupará o primeiro lugar dentro da hierarquia das coisas a serem amadas: "O Criador, se é verdadeiramente amado, isto é, se é amado Ele e não outra coisa em seu lugar"¹². É aqui que segundo Agostinho se encontra o verdadeiro amor. É esse amor que torna o ser humano uma pessoa reta e feliz.

Toda a moralidade agostiniana terá como força maior a ideia de amor, que será visto como a medida e o peso da vontade humana: "As tendências dos pesos são como que os amores dos corpos, quer busquem, por seu peso, descer, quer busquem, por sua leveza, subir, pois, como o ânimo é levado pelo amor aonde quer que vá, assim também o corpo é por seu peso"¹³.

O tema central da moral da qual somos guiados é o amor pelo bem supremo, a caridade. A caridade pode ser vista como um peso interior, que leva a alma em direção a Deus: "Meu peso é o amor; por ele sou levado para onde sou levado"¹⁴.

A caridade deve ser entendida como o amor pela qual se ama o que se deve amar. Sendo ela o amor, esta deve se assemelhar a um dos pesos que levam a vontade em direção a seu objeto. Ela é análoga aos pesos que conduzem os corpos naturais para seu lugar de repouso¹⁵. Será o amor divino que irá direcionar os corpos físicos bem como as vontades humanas. Entretanto, "a despeito da diferença radical que distingue os movimentos naturais dos movimentos livres e voluntários, a caridade tende para Deus, que é uma pessoa, enquanto o corpo tende para seu lugar natural, que é um coisa"¹⁶.

Não amamos um ser humano como amamos uma coisa, pois amamos as coisas para nós enquanto amamos as pessoas por si mesmas. Na medida em que se pode afirmar que um corpo ama seu

¹⁰ AGOSTINHO, Santo. *De Moribus Ecclesiae Catholicae*. Paris: Desclée de Brouwer, 1949, p. 177.

¹¹ AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*: contra os pagãos. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003, XV, 22. (Coleção Pensamento Humano).

¹² Ibid., X, 22.

¹³ Ibid., XI, 28.

¹⁴ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2006, XIII, 9, 10.

¹⁵ AGOSTINHO, 2006, XIII, 7, 8.

¹⁶ GILSON, 2006, p. 262.

lugar natural, ele deseja o seu próprio bem, mas na medida em que o homem ama Deus, só pode querer o bem de Deus.

O amor para com Deus é para a alma o início de sua justificação: se o amor progride, a justiça aumenta proporcionalmente. Se o amor se torna perfeito, a justiça da alma é perfeita. O amor para com Deus — integralmente realizado — confunde-se com uma vida moral integralmente realizada. Um amor por Deus — que chegou a seu ponto de perfeição — preenche a alma inteira. Sendo assim, essa alma que está completamente preenchida iria fazer as coisas por pura caridade. Cada um dos seus atos sairia de um perfeito amor provindo de Deus, sendo que tudo que essa alma fosse fazer seria bom, de uma bondade infalível¹⁷. Para o homem viver uma vida de caridade é necessário que Deus esteja nela, pois Ele é a própria caridade. Também é preciso que Ele circule no homem, como uma água viva da qual se soltam de uma vez nossas virtudes e nossos atos.

Segundo Agostinho o amor ao próximo (a caridade) será visto como a força motriz de toda socialização entre os seres humanos¹⁸. O amor é o poder basilar da vontade que culmina na liberdade para Deus, supremo Bem. Esse amor — direcionado aos homens, por causa de Deus — é a caridade. É pela caridade que Agostinho constrói uma ponte entre o homem individual e o homem social. Isso ocorre devido ao fato de que a realização do amor em Deus exige a realização do amor entre os homens. Por causa da caridade, o amor assume uma dimensão social, enquanto princípio de socialização do homem.

3. A relação do amor com a noção de ordem agostiniana

Para compreender a noção de ordem dentro do pensamento agostiniano, deve-se num primeiro momento olhar para aquilo que seus antecessores falavam a respeito disso.

Os gregos acreditavam que o mundo inicialmente era um grande caos e que posteriormente passou a ser cosmos. Para os pré-socráticos a preocupação fundamental foi descobrir qual era a *arché* do universo. Toda a filosofia grega procurou explicar esse assunto. Mesmo o pensamento grego tendo muitas divergências entre si, a ideia da existência de um *logos*, uma razão universal responsável

¹⁷ Ibid, p. 268.

¹⁸ COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Introdução ao Pensamento Ético-Político de Santo Agostinho*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 47.

pela origem e manutenção da ordem cósmica permanece. Segundo Montagna:

O ser humano pelo fato de ser racional estava submisso a essa ordem e, ao mesmo tempo, ligado ao próprio logos, uma vez que trazia em si uma centelha dele. Esta racionalidade que o torna capaz de conhecer a ordem da natureza e ter a independência de aceita-la ou rejeitá-la. Decorre daí a noção de que a perfeição moral consiste na identificação da vontade com a reta ordem da natureza. Portanto, na visão clássica, a ideia de ordem tem duas faces: uma ontológica e outra ética¹⁹.

Toda essa noção de ordem é absorvida por Agostinho. Ele a articula junto com os pensamentos centrais da revelação cristã, tais como a compreensão de um Deus que é subsistente, que é criador de todas as coisas e principalmente do ser humano. Com essa fusão, Santo Agostinho leva a ordem ontológica a sua perfeição e, ao mesmo tempo, ele leva a ordem ética ao seu pleno esclarecimento.

No intuito de aperfeiçoar a ordem ontológica, Santo Agostinho acrescenta a ela a figura do Deus criador, que ultrapassa tanto o Demiurgo platônico, o qual ordena o caos fazendo surgir o cosmos, como o Uno plotiniano, do qual procedem espontaneamente todos os seres.

O Deus cristão é diferente e superior. Ele cria todas as coisas a partir do nada. Todas as coisas foram criadas por ele, sendo o mesmo distinto das coisas criadas. Ele realiza a criação por sua livre vontade.²⁰ Em todo o seu ato criacional o Deus cristão não só concede a existência a todos os seres, mas também capacita-os com uma lei interna e natural que os conduz em harmonia com a sua própria lei interna.²¹ Neste ato, aquele que é o Ser e o Bem supremo comunica aos seres criados seu ser e sua bondade.

Para Henrique Lima Vaz a ideia de ordem no pensamento de Santo Agostinho apresenta duas faces conceptuais que estão relacionadas:

A face ontológica e a face ética. Ela articula, de um lado, numa pluralidade estruturalmente ordenada, o múltiplo de nossa experiência e da finitude dos seres que se manifesta à nossa inquisição intelectual, e refere a um Princípio transcendente do qual a ordem procede; e, de outro, impõe como norma a nosso agir essa ordenação ontológica como

¹⁹ MONTAGNA, 2006, p. 43.

²⁰ AGOSTINHO, 2006, XI, 4-6 e XII.

²¹ AGOSTINHO, 1995, I, 2, 4 e 6, 15.

fundamento de sua racionalidade ou de sua prerrogativa de agir ético.²²

Fica nítido que a ordem ontológica é o fundamento da ordem ética, pois mesmo as leis que orientam as duas ordens derivam do mesmo Deus criador. A moralidade se refere à manutenção ou perturbação da ordem natural. Devido ao fato da ordem ontológica aplicar-se a todas as criaturas, a ordem ética já é específica do ser humano, sendo que só ele tem a possibilidade e a capacidade de respeitar ou transgredir a lei natural e eterna.

Agostinho compreendia que ao criar os seres humanos, o Deus cristão os dotou de liberdade e vontade, por isso eles têm a capacidade de seguir a reta ordem ou transgredi-la. Agostinho afirma que “toda criatura, pois sendo boa, pode ser amada bem e mal. Amada bem, quando observada a ordem; mal, quando pervertida”.²³ É por causa disso, que a virtude não pode mais ser entendida como uma mera contenção do desejo ou do amor. Para ele, a virtude será compreendida como a ordem do amor.²⁴

Como mostra Henrique Lima Vaz, a concepção da virtude como ordem do amor (*ordo amoris*) assumirá e reordenará “segundo o dinamismo do mandamento evangélico do amor a concepção clássica da virtude como perfeição no uso da razão reta ou como realização na vida do virtuoso do *bonum honestum*”.²⁵ Segundo Agostinho, o *ordo amoris* permite a verdadeira definição de virtude.

Diante da ordem do amor, a antropologia agostiniana deve ser interpretada em sua essencial significação ética. Aqui, a unidade do homem é pressuposta ao ser vivida existencialmente no exercício dos graus ordenados do amor. Para Vaz é esse exercício que irá conferir ao ser humano a retidão ética exigida pelo preceito do viver bem. Isso opera a sinergia na prossecução do fim, da beatitude e de sua realização em Deus.

O amor ordenado e ordenador permanece sendo graça na mais elevada das virtudes (*caritas*). É por ele que se realiza a unidade da *mens* ou do espírito, que tem como característica ser dotado de inteligência e vontade, sendo que por ele é ordenado de forma igual o dinamismo do desejo que aparece da sensibilidade e da afetividade.

Agostinho entende que o amor é a essência e o combustível da vida humana. Para ele não amar pode ser entendido como não

²² VAZ, Henrique C. de Lima. Escritos de Filosofia IV. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 186.

²³ AGOSTINHO, 2003, XV, 22.

²⁴ Ibidem.

²⁵ VAZ, 1999, p. 194.

viver. Uma vida infeliz é aquela que não ama e isso é o mesmo que viver de forma precária ou morrer.

O coração se encontra inquieto não porque alguém ama, mas porque a forma de amar é desordenada. Não é pela limitação do amor que o ser humano buscará a paz, mas a paz será encontrada pelo ordenamento. “As coisas que não estão no próprio lugar agitam-se, mas quando o encontram, ordenam-se e repousam”.²⁶

Quando o ser humano ama de forma livre, ou seja, por sua livre vontade, tendo como base a ordem natural e eterna que o próprio Criador colocou dentro do interior de todos os homens, estará vivendo a autêntica ordem do amor. É esta a virtude do amor ordenado que possibilita aos seres humanos usarem de forma ordenada os bens e até mesmo os males desta vida, trazendo a garantia da verdadeira paz. Como afirma Agostinho:

Quando nós, mortais, entre a efemeridade das coisas, possuímos a paz que pode existir no mundo, se vivemos retamente, a virtude usa com retidão de seus bens; mas, quando não a possuímos, a virtude faz bom uso até mesmo dos males de nossa condição humana. A verdadeira virtude consiste, portanto, em fazer bom uso dos bens e males e em referir tudo ao fim último, que nos porá na posse da perfeita e incomparável paz.²⁷

O ser humano encontrará a paz quando ordenar seu amor. Amando de forma ordenada o homem terá a felicidade e a paz, sendo que paz e felicidade no pensamento agostiniano se relacionam. Em Agostinho, o ser humano que é virtuoso ama a Deus, não pelo fato de cumprir um mero dever, mas por desejar o Criador. Deus será então aquele que deve ser amado acima de todas as coisas. O amor às outras coisas é posterior ao amor a Deus. A virtude do amor não apenas conduz o ser humano a amar de forma reta todas as coisas, mas também desperta e ordena o seu amor em direção ao Criador.²⁸

4. CONCLUSÃO

Como foi apresentado, o amor é uma categoria fundamental na ética agostiniana. Toda a sua compreensão de amor o levará a desenvolver seu pensamento com respeito à ética. Para Santo Agostinho, a caridade aparece como a virtude primeira e será entendida como o fundamento de toda a vida ética. A caridade é a essência de toda a ética. Ela constitui a alma de tudo, o centro de

²⁶ AGOSTINHO, 2006, XIII, 9-10.

²⁷ AGOSTINHO, 2003, XIX, 11.

²⁸ MONTAGNA, 2006, p. 47.

irradiação. É na caridade que Agostinho coloca a essência e a medida da perfeição cristã sendo que o sentido da vida humana passa pela compreensão do amor.

O amor é visto como o peso do coração que tem a capacidade de fazê-lo inclinar-se para um lado ou para outro. O propósito desta busca é sempre o bem. O fim último de toda essa busca amorosa do ser humano é a felicidade, ou melhor, o desfrutar do bem supremo, que é desfrutar do próprio Deus.

Aquele amor que coloca acima de Deus algum bem é visto como desordenado, pois esse amor não está em correspondência com as leis de Deus. Mas aquele homem que ama de forma ordenada, tem a lei do Criador guardada no seu coração. Diante da categoria do amor ordenado, entrelaçam-se todos os fios da ética agostiniana, seja aqueles que são oriundos da ética antiga, seja os que provêm do *ethos* neotestamentário e do ensino cristão.

A ideia de ordem é a ideia normativa de toda a existência ética para Agostinho. Pelo fato de a ideia de ordem se conformar com o bem que é, por definição, o fim, tal ideia conduz a vida do homem na direção do bem realizado, na procura da beatitude, e realiza o bem no indivíduo e na sociedade na forma da paz, ou seja, na tranquilidade da ordem. É através do amor no pensamento de Santo Agostinho que se constrói uma atitude ética para com as outras pessoas. Este é o primeiro passo para a construção de uma fraternidade social, tendo como objetivo a harmonia na convivência entre as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Primárias

AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *A Cidade de Deus: contra os pagãos*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. *La Morale Chrétienne: De Moribus Catholicae de Agone Christiano – De Natura Boni*. Paris: Desclée de Brouwer, 1949.

_____. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Comentário da Primeira Epístola de São João*. São Paulo: Paulus, 1997.

Secundárias

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Introdução ao pensamento Ético-Político de Santo Agostinho*. São Paulo: Loyola, 2009.

GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2006.

MONTAGNA, Leomar Antônio. *A ética como elemento de harmonia social em Santo Agostinho*. Curitiba: PUCPR, 2006 (Dissertação de Mestrado).

VAZ, Henrique C. Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*. São Paulo: Loyola, 1999.